

# humanitas

**Vol. V-VI**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLS. II E III DA NOVA SÉRIE  
(VOLS. V E VI DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA  
MCMLIII-IV

mais tarde de opinião, e fez bem, porque a publicação dela beneficia hoje de uma melhor compreensão dos problemas do Humanismo, de uma melhor concepção deste grande movimento cultural, para o que decerto não pouco deve ter contribuído a *Storia delUmanesimo* do próprio Toffanin.

Depois de uma Introdução, em que encara a personalidade de Pio II e as suas relações com os Turcos e se ocupa em seguida do humanismo da Carta, dá desta uma cuidada versão italiana. Seguem-se uma nota ao texto e indicação das abreviaturas usadas. O texto da Carta vem depois, e, num apêndice., a *Epistola Morbisani*. A obra fecha com dois índices: dos nomes e geral. As notas e variantes do texto são de G. Valiese.

Lê-se com o maior proveito e prazer intelectual este trabalho, em que se nota a segurança e a rectidão do critério e largueza de vistas do ilustre historiador do Humanismo que o subscreve. E é ainda sumamente louvável esta publicação por colocar ao alcance do público estudioso, em manuseável edição moderna, uma notável obra, que nos mostra bem — como na capa da presente edição se lê — «*Videa umanistica nella sua sintesi più alta*».

FELISEERTO MARTINS

MICHEL RAMBÀUD — L'Art de la Déformation dans les Commentaires de César — Annales de l'Université de Lyon—Troisième série, Lettres, Fasc. 23. Paris (Société d'édition Les Belles Lettres), 1953.

Nesta sua tese, apresentada na Sorbona, M. Rambaud oferece-nos um trabalho que podemos dizer exaustivo, sobre a personalidade de César, como historiador e escritor. Basta que se veja a bibliografia por ele citada, págs. 375-395.

O A. dividiu a sua obra em seis capítulos, seguidos de uma conclusão:

I — Os relatórios militares no tempo de César,

π — Os relatórios nos *Comentários*.

m — Técnica da demonstração.

IV—Técnica da persuasão.

v — Fins e resultados: os temas de propaganda.

vi — Fins e resultados: deformação das personagens e dos grupos.

— Conclusão.

No cap. i, apresentando as opiniões daqueles que, desde Polião até os nossos dias, vêm nos *Comentários* obra histórica cheia de negligências e inexactidões, e

os que têm parecer contrário, o A. afirma que o problema só poderia ser definitivamente solucionado, se se pudessem datar os textos dos *Comentários*.

Mas as investigações neste sentido só têm chegado a conclusões imprecisas e discordantes, pois há argumentos que fazem sugerir uma datação única, e outros uma datação separada. Seja como for, o que importa é ver nas descontinuidades e contradições do historiador as suas verdadeiras intenções e reconstituir a sua personalidade para lhe compreender a obra e apreciar o seu valor histórico-político.

Aparecidos numa época literária em que a história não tinha encontrado em Roma a sua forma clássica, enquanto a literatura política era florescente e copiosa, os *Comentários* revestem-se de um aspecto especial de propaganda, de justificação e defesa pessoais, fruto do meio político-literário de então. Os *Comentários* — espécie de *memórias* — tinham em vista a publicidade, mostrando, na véspera das lutas civis, a glória, o valor e a força de César. Tais *memórias* criam uma consciência de partido, tal como a história cria uma consciência nacional.

Na redacção dos seus *Comentários*, o conquistador das Gálias parece obedecer a certo uso militar (*Militaris Mos* — *Populi Romani Consuetudo*), se não a um *regulamento* próprio: Os relatórios contidos na correspondência mostram que havia uma maneira de considerar os acontecimentos e de os apresentar. Assim, pelas informações das cartas de Cícero, Munácio Planco, Polião, Lépido e Bruto, cada relato deveria começar pelas informações recebidas, que deviam oferecer confiança, para justificar um movimento do exército e ser transmitidas ao Senado; em seguida, considerar-se-iam as forças do inimigo, a sua moral, com exame das suas intenções ou possibilidades. Depois disto, referir-se-á ao seu próprio exército, aprecia o moral, menciona as suas forças e as disposições dos seus aliados. A todas estas observações há a acrescentar notas sobre as vias estratégicas, a força das praças ou o seu abastecimento.

É fácil, portanto, encontrar em César (tal como em Cícero) o plano geral das operações militares, idêntico ao que ensina a organizar um Estado Maior dos nossos dias:

- a) — Situação geral.
- b) — Missão.
- c) — Dispositivo inicial das unidades e missão destas.

Esta coincidência mostra a necessidade que o historiador tem de escolher certos pormenores e uma ordem especial para as suas anotações.

Para uma verdadeira análise dos *Comentários*, é preciso saber que César utilizou certos documentos e processos de narração que o levaram a deformar a história, em seu favor. Sendo assim, necessário se torna colocar-se o leitor no interior do texto, para ver como César utilizou a sua documentação e quais os seus processos literários.

No capítulo ii, o A., falando sobre a génese e estrutura dos *Comentários*, afirma que, antes de receberem uma forma literária, tiveram uma estrutura muito semelhante à de um «dossier», em que se entrecruzam séries de peças de datas diferentes (uma espécie de *estratificação*).

César utilizaria os relatórios dos seus legados para contar o que ele próprio não observara, e acrescentou para o público as indicações necessárias num livro.

Sumariamente, cada livro aparece como uma justaposição de três espécies de materiais, diferentes pelo conteúdo como pela origem, e em proporções variáveis de um livro para o outro.

- 1) — Relatórios dos seus legados.
- 2) — Narrações correspondentes às cartas de César ou os seus comunicados para o Senado.
- 3) — Elementos estranhos à técnica dos relatórios pelo seu aspecto pitoresco, seu conteúdo patético, ou seu papel na composição de um livro, introduções, transições, conclusões.

Os *Comentários*, foram redigidos com bastante rapidez (Vide B. G., vm, pref. 6), pois César tinha sempre junto de si um escravo secretário (César, xvii), assim como um pessoal escolhido dirigia os trabalhos de escrita, de expedição e de propaganda. No entanto, era a Aulo Hirtio que César confiava as suas tarefas literárias, pelo que aquele «secretário» teria escrito o livro viii com a mesma rapidez e o mesmo método que o seu chefe.

César utilizava os relatórios dos seus legados e reduzia-lhes as proporções. Esta simplificação explica que haja muitos passos obscuros no texto, notoriamente em matéria topográfica (localizações vagas, itinerários reduzidos a uma linha). Estas reduções (parece que intencionalmente) nem sempre têm as mesmas proporções, pois algumas vezes chega a haver transcrições dos seus legados.

Provindo a redacção dos *Comentários* de peças tão heterogéneas e diferentes, necessário se tornava fazer a sua urdidura e ligação concatenada. A maior parte dessas ligações tem uma indicação de origem ou de tempo.

O A. faz um estudo profundo e cheio de interesse sobre os diferentes processos dessa coordenação nos diferentes livros dos *Comentários* (ablativos de tempo, proposições temporais, etc.). Ora essa *coordenação* dos assuntos falta também muitas vezes e passos há, em que o salto onde se nota o corte, é brusco (B. G., vn, 63, 1), particularmente depois da inserção dum relatório dos seus delegados.

Facto curioso : é raro que entre as fórmulas que servem de ligação depois desses relatórios dos legados, se encontre o tipo vulgar de ligação. Estas fórmulas, que são pouco variadas — ablativos absolutos (B. G., 11, 2, 1; vn, 6, 1) ou relativos de ligação e demonstrativos (B. G., in, 9, 1 ; iv, 5, 1 ; vi, 2, 3) —, são aditamentos

certos à documentação dos *Comentários* e constituem uma parte da camada superior e recente da *estratificação*, de que se falou. A esta mesma camada superior pertencem as chamadas *ligações internas* (as que ligam partes que versam o mesmo assunto) — aqui usa a proposição comparativa (B. G., vi, 21; v, 57-58) ou a proposição relativa (B. G., v, 56, 3; vi, 8, 9; v, 3, 2, e 5; 4, 3, etc.).

Outros acrescentamentos diversos aparecem, do punho do próprio César, àquilo que constitui o relatório dos seus subordinados ou legados: indicações sobre o pessoal, informações e apreciações sobre os sentimentos e intenções dos gauleses, etc..

Este processo de trabalho do historiador há-de forçosamente produzir anomalias e acarretar contradições (Cfr. B. G., π, 26, 1 e π, 34; ni, 7, 2; cf. π, 28, 1 e v, 39; 49; 56; vi, 2; vu, 75, etc.).

No capítulo seguinte, o A. mostra que César, para tirar dos seus materiais, assim elaborados, o instrumento de uma propaganda eficaz, demonstrativa e persuasiva, precisava de recorrer a outras técnicas, para convencer a inteligência, a atenção, e a sensibilidade literária e artística do seu leitor.

«Il était indispensable de satisfaire l'esprit logique du lecteur et de lui présenter les faits dans un ordre qui suggérât une justification des entreprises, une explication des échecs ou qui empêchât de rattacher l'un à l'autre des faits dont l'auteur voulait dissimuler la raison. Cette préoccupation gouverne souvent la composition d'un livre, d'un épisode, voire d'une phrase. Il fallait atteindre l'attention et tantôt lui imposer une conviction, en la frappant par le volume ou la fréquence de l'énoncé, tantôt la détourner et la déjouer.

Il était possible enfin d'imposer un point de vue au lecteur ou de dévier sa curiosité, en flattant sa sensibilité littéraire par des représentations pittoresques, pathétiques ou dramatiques», (pág. 97-98).

Enquanto o historiador normalmente estabelece os factos e os liga por relações causais, César desagrega e dispersa as indicações relativas ao mesmo facto histórico. É o método que ele emprega (B. G., 11, 13, 14), para dissimular a unidade, a causa ou a significação dos factos. É o que o A. chama a *disjunção dos factos*, que documenta nas expedições da Bretanha, no livro iv; nos factos do ano 54, particularmente no livro v, e noutros factos históricos do livro vil, processo que César também usou no *B. Civile*.

Ao escrever os seus *Comentários*, Júlio César quis manietar a compreensão dos seus leitores e opor à síntese histórica dos nossos dias a «escamotage» histórica. O A. mostra que ele apresenta o fio da historia com uma lógica sua e que serve os seus interesses: os seus *Comentários* não têm a preocupação da *história*, visto que ele dissimula (v. g., na guerra dos Helvécios, na guerra contra Ariovisto). Serve-se

de uma narração justificativa, que podemos chamar de *demonstração*, em que desempenham papel importante os discursos.

Na narração de deslizes e fracassos, César introduz algumas indicações que podem compensá-los ou dar-lhes uma explicação. É o que o A. chama a *narração pré-explicativa*. Seguindo esta técnica, as perdas infligidas ao inimigo precedem as perdas sofridas; as esperanças do general, as suas manobras, os exemplos da sua perspicácia e perícia, antecedem a confissão do resultado desfavorável. É processo que leva o leitor a colocar-se no ponto de vista do narrador, o qual obedece a uma lógica interessada.

Esta tendência apologética de César traduz-se curiosamente na estrutura da frase, na exposição dum pormenor, nos curtos elementos narrativos e até nos episódios mais desenvolvidos, como o A. muito bem documenta. Assim, quer em frases simples, quer na narração de episódios mais desenvolvidos, César usará de uma ou várias explicações (fundamentais ou acessórias), que serão atenuantes para o fracasso e dará a seguir as compensações para apresentar a conclusão do insucesso.

Estas duas técnicas — a narração demonstrativa e a pré-explicativa — embora processos distintos, quase se chegam a confundir, mas ambas dão da realidade uma imagem sedutora e falsa; sedutora, porque convence da verdade, e falsa, porque apresenta factos que não são a verdadeira história.

No capítulo IV, o A. trata das técnicas da persuasão. Afirma que a ordem imposta aos factos pode bastar para convencer, mas, para persuadir, serve-se o conquistador das Gálias de outros processos, que, em boa verdade, virão contribuir para a deformação histórica. Entre outros:

- a) — O exagero dos números, muitas vezes por imprecisão.
- b) — A repetição.
- c) — O volume do enunciado.
- d) — A redundância.
- e) — Alongamento da frase.
- f) — O desaparecimento do nome de César, da narração.
- g) — A comparação e o contraste.
- h) — Dramatização.
- 0 — Os discursos.
- j) — A convergência dos efeitos.

O capítulo V ocupa-se dos fins e resultados dos *Comentários*: os temas de propaganda que o A. divide em temas militares e políticos.

Nos temas militares:

O primeiro de todos, verdadeiramente fundamental, é a glorificação do próprio César, como general. Assim, falará primeiro do seu exército, no aspecto que mais lhe interessa: a qualidade e não a quantidade; e depois dele, como chefe. Neste sentido os *Comentários* são como que «o quadro do seu espírito, inscrito nos factos». Ele comanda, conduz, e o seu nome é sujeito habitual dos verbos *imperare, iubere, ducere, mittere*, e de verbos de movimento quando, na acção, o exército e o general formam um todo. Mas o seu papel é sobretudo feito de inteligência e decisão; daí, junto do seu nome os verbos de informação — *certiorem fieri*; de julgamento — *intelligere, existimare, arbitrari, iudicare*; de vontade — *instituire, decernere, statuere*.

Em suma, põe em evidência o *consilium* que os Romanos exigiam aos seus generais. Os *Comentários* provam a eficácia desse *consilium*, com a enumeração das suas vitórias, mas César insiste particularmente:

- a) — sobre o plano tático (B. G., 1, 8; 51; n, 8; iv, 13, 14; v, 49 e segs.; vn, 80);
- b) — sobre o plano estratégico (B. G., 1,15 e segs. ; 41; 11, 5 e segs. ; vi, 32 e segs. ; vn, 68).

Também põe em relevo a eficácia estratégica da sua *celeritas*:

- a) — rapidez das deslocações pessoais do general para chegar junto das suas tropas (B. G., 1, 8-10; n, 3, 1; m, 9, 2; iv, 6, 1; vn, 6 e segs.).
- b) — rapidez de movimentos de aproximação para se apoderar de uma praça forte, antes do inimigo (r, 33, 4; 37, 5; 38, 7; n, 5, 4; m, 11, 5, etc.).
- e) — rapidez de concentração (v, 39, 4; 46 e 48; vn, 9 e segs.; 12, 3).
- d) — rapidez de movimentos ofensivos (1, 12; 1, 54, 2; 11, 12, 1; iv, 13; 14; 1, 2, etc.).

Ao lado do *consilium* e da *celeritas*, foca o historiador a influência de *aduentus* (*aduentus Caesaris*) sobre o inimigo ou sobre os diferentes povos.

César, nos seus *Comentários*, mostra bem a sua *auctoritas*, pelos efeitos político-militares do seu *aduentus*: inimigos intimidados (1, 7, 3; 13, 2), revoltas dominadas (1, 36, 4; vi, 15), surpresa dos Germanos (iv, 34 1; v, 49, 1; vr, 41, 4), intervenções pessoais na guerra (11, 25, 3; vn, 88, 1).

Por último, e dentro das qualidades que deviam bafejar um general romano, trata da *fortuna*, cujo conceito ou pelo menos o nome se encontra em muitos passos dos *Comentários* (1,40,12, 53,6; 11, 22, 2; iv, 26, 5; v, 34, 2; 44,14; 58, 6; vi, 30, 2, etc).

Nos temas políticos, o A. considera aqueles que são exteriores à pessoa de César (o sentimento religioso, os interesses materiais, etc.) e outros ligados à sua personalidade (a sua popularidade, a sua clemência); tanto uns como outros são profusamente documentados por passos de B. G..



O cap. vi trata da deformação das personagens e dos grupos, extensiva não só aos relatos dos embaixadores, como à figura de Vercingetorixe, aos Éduos, à etnografia e à religião gaulesas, como ainda à descrição dos Germanos, a Pompeio e ao seu partido.

Na sua conclusão, o A. acha que os *Comentários* são a experiência da *propaganda dirigida* maior e mais duradoira da história europeia, pelo que daí advém o sério problema da veracidade de César. Além das falsificações propriamente ditas, reveladas pelos métodos históricos, é preciso reconhecer nos *Comentários* certo «tendenciosismo» que solicita sempre do leitor o julgar os factos e as personagens ao gosto do historiador. As palavras, o pitoresco, o arranjo dramático, fazem sentir, sem mentira aparente, a culpabilidade de um embaixador, a indisciplina das tropas, a prudência e o tacto do *imperator*. Diz o A. que a exactidão *material* dos *Comentários* só prova a habilidade de César, não o seu espírito de veracidade, pois ele mostra a realidade, mas pelo prisma dos seus interesses: é uma verdadeira arte de deformação histórica.

Não obstante, existe uma verdadeira unidade nos *Comentários*; as pequenas contradições de pormenor que aqui e ali aparecem são explicáveis mais pelo método do autor do que pela rapidez da redacção da obra. A *constante* que faz aparecer como que uma lógica profunda nos *Comentários* é a tendência apologética de César — «une logique passionnelle, ou plutôt ...une passion logicienne». O seu método — que reveste um «aspecto industrial» — tem sempre em vista provocar a admiração da sua glória e da sua política.

A sua inteligência militar produziu em literatura um resultado estético — a arte de narrar ou de deformar deve comparar-se à estratégia militar: «visão nítida dos objectivos a atingir, progressão em linha recta, concentração dos meios, enfim, a repetição dos processos até à vitória, isto é, até que a adesão do leitor esteja conquistada». Em César, a própria deformação é uma arte — através dos séculos, o autor do *Bellum Ciuile* plasmou, na matéria histórica, a sua própria estátua, pelo que ele se acha metamorfoseado em herói, tornado um vulto lendário, particularmente no século XIX.

Para o A., os *Comentários* não são mais do que um exemplo de propaganda que utiliza um assunto histórico, e pena é que, segundo Rambaud, tenhamos de ver apenas isso, na obra do grande general... e para ele, tão fraco historiador.

«Si l'on permet une comparaison, des mémoires antiques, comme les *Commentaires*, sont une lentille, ou un prisme, à travers lesquels nous observons le reflet d'une réalité disparue depuis des siècles. Il valait la peine d'analyser la composition chimique de ce cristal, et d'en mesurer l'indice de réfraction» (pág. 372).